



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**MEMORIAL FORMATIVO:** como me tornei professora

Gláucia Helena Vieira da Silva

Marabá  
2019

Gláucia Helena Vieira da Silva

**MEMORIAL FOMATIVO:** como me tornei professora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada Plena em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Área de concentração: Linguagens

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cristina Macedo Alencar

Marabá  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa**

---

Silva, Glaucia Helena Vieira da

Memorial formativo: como me tornei professora / Glaucia Helena Vieira da Silva ; orientadora, Maria Cristina Macedo Alencar. — Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Professores - Biografia. 2. Silva, Glaucia Helena Vieira da, 1977-. 3. Educação de jovens e adultos. 4. Professores – Formação. I. Alencar, Maria Cristina Macedo, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 923.7

Gláucia Helena Vieira da Silva

**MEMORIAL FOMATIVO:** como me tornei professora

Memorial apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada Plena em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Cristina Macedo Alencar

Data de aprovação: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_, Marabá – PA,

Conceito: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Cristina Macedo Alencar – UNIFESSPA  
(Orientadora)

---

Prof.  
Dr. Hiran de Moura Possas – UNIFESSPA  
(Avaliador I)

---

Prof. Me. Laécio Rocha de Sena- UNIFESSPA  
(Avaliador II)

Dedico este memorial aos meus filhos, esposo, compadres, amigos e aos meus professores, em especial minha orientadora, Maria Cristina Macedo Alencar, por me incentivarem não desistir dos meus objetivos, especialmente o de concluir o ensino superior.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por me conceder a permissão para seguir nesta caminhada com muitas dificuldades, mas também vitórias.

À minha família, em especial meus filhos, por sempre me apoiarem para não desistir do meu objetivo de concluir o ensino superior. Meu esposo, por me compreender nos momentos mais difíceis durante o percurso da faculdade. Muitas vezes ficava sozinho com os filhos para que eu pudesse estudar. Principalmente a meu filho, o Mateus Jorge Vieira da Silva, por não só me apoiar, mas também me auxiliar, principalmente na digitação de meus trabalhos (não sou tão boa com tecnologia).

Aos diretores e coordenadores das escolas onde estagiei, por me receberem sempre de boa vontade. E ainda os alunos das escolas pesquisadas que se dispuseram sempre a contribuir com minhas pesquisas

À comunidade onde moro, vila Edson da Brahma do município de São Domingos do Araguaia-Pará. Principalmente aos moradores mais velhos que sempre estavam dispostos a contribuir com minhas pesquisas.

Aos colegas de classe, pela união que tínhamos e a preocupação uns com os outros para que não desistissem dos seus objetivos de chegar até a conclusão do curso.

E à UNIFESSPA, Faculdade de Educação do Campo, pela oportunidade de ter realizado este curso. À equipe da PROEX que sempre se preocupou em não nos deixar desamparados financeiramente durante o curso. Ainda a atenção e dedicação da coordenação do curso de educação do campo, que foram verdadeiros pais para nós.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2. ERGUENDO-SE DAS CINZAS</b> .....	8
2.1 APRENDENDO A VOAR .....	11
2.2 O CAMINHO PARA O MAGISTÉRIO ESCOLAR.....	17
<b>3 EM BUSCA DE VOOS MAIS ALTOS</b> .....	20
<b>4. CONCLUSÃO</b> .....	23
<b>REFERÊNCIAS:</b> .....	24

## 1. INTRODUÇÃO

O presente memorial é parte integrante do conteúdo exigido para conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo e também. Nele refleti sobre minhas experiências com leitura e escrita, os agentes e eventos de letramento com os quais tive contato e me possibilitaram acessar o Ensino Superior.

Na construção dessa narrativa das minhas experiências formativas foi de crucial importância o uso da memória. Foi no processo de rememorar, reconstruir minhas lembranças que se deu a construção desse texto. De acordo com Lowenthal (1981) “Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado” (LOWENTHAL, 1981, p. 75 *apud* DELGADO, 2016, p. 16).

Foi apoiada nas minhas memórias que pude narrar as experiências aqui expostos. Como se verá ao longo da leitura, alguns momentos foram difíceis. Tais lembranças, em alguns momentos da escrita, foram dolorosas. Contudo, como afirma Bobbio (1997), nossas memórias boas ou não fazem parte de nossa identidade:

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade” (BOBBIO, 1997 *apud* DELGADO, 2016, 16)

E minhas memórias de infância foi o que me fez querer correr atrás de meus objetivos, pois até boa parte dela nem pude fazer coisas fundamentais para qualquer pessoa, como estudar, como será esclarecido mais frente.

## 2. ERGUENDO-SE DAS CINZAS

Nasci dia 23/12/1977 no hospital Arco-verde na cidade de Uruçuí- Piauí. Sou a primeira filha de casal de lavradores piauienses. Minha mãe tem nível superior completo, graduação em Pedagogia. Já meu pai estudou somente até a 3ª série do Ensino

Fundamental. Meus pais não tinham terra própria e meu pai trabalhava em fazenda de outras pessoas. Seu plano era comprar uma terra própria e minha mãe o acompanhava. Como eles viviam de fazenda em fazenda, a trabalho, fui criada por minha avó paterna até a idade de 8 anos. Ela não sabia ler nem escrever. Era viúva e lavava roupa para fora para garantir o nosso sustento. Contudo, devido complicações de uma doença no coração minha avó faleceu. Antes, porém, do seu falecimento ela pediu a minha tia que me devolvesse aos meus pais.

Durante o tempo que morei com minha avó também viviam lá mais quatro netos dela. Não frequentei a escola, pois morávamos num lugar onde a escola mais próxima estava há quilômetros de distância de casa e não havia nenhum outro adulto que pudesse nos levar e buscar na escola. Na casa de minha avó só havia um momento de lazer que era ir à igreja, à missa de domingo. Lembro-me que nessa casa só havia um livro, a Bíblia. Meu primo mais velho, aos domingos à tarde, lia partes da Bíblia para a minha avó. Todos os que estavam reunidos também paravam para ouvi-lo ler. Esse primo já estudava a 5ª série, pois morava com seus pais próximo de uma escola.

Esse era o pouco contato que eu tinha com a escrita na minha infância. Relembrar esses fatos me ajudaram a entender por que, ao longo de minha formação acadêmica, tive inúmeras dificuldades com as práticas de leitura e escrita na universidade. Essas dificuldades estavam relacionadas ao meu baixo grau de letramento. Como afirma Soares (2003) não basta saber ler e escrever para participar da nossa sociedade letrada, é necessário “saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita”. Infelizmente, eu não sabia fazer uso de muitos materiais escritos.

Em 1985 passei a morar na zona rural do município de Sapucaia-PA com meus pais e meus dois irmãos, após o nascimento do meu quarto irmão. Como eu era a mais velha, tinha 9 anos, passei a cuidar do meu irmão recém-nascido durante o tempo que minha mãe estava trabalhando. Ela foi contratada como professora, pela Secretaria de Educação do estado do Pará (SEDUC-PA) na cidade de Sapucaia-PA, para trabalhar como professora na escola de uma vila há cinco quilômetros de nossa casa. A escola tinha duas turmas multisseriado, uma pela manhã e outra à tarde. Minha mãe saía muito cedo de casa, pois as aulas iniciavam às 7:00h e só retornava no fim do dia, já que as aulas se encerravam às 17:00h. Ela levava dois dos irmãos mais novos que estudavam nessa escola.

Além de cuidar dos meus irmãos menores e da casa, eu lavava roupa e também ajudava meus pais no trabalho na roça como: capinar, plantar, colher, torrar farinha, cuidar

dos animais, galinha, porco, cachorro e cavalos. Todas essas obrigações eu realizava ao longo de todos os dias, de domingo a domingo. O trabalho aumentava a cada ano, pois todo ano nascia um irmão. Meus irmãos mais novos estudavam na escola onde minha mãe trabalhava. Eu, porém, tinha de cuidar da casa de dos irmãos e não pude frequentar a escola. Não me sobrava tempo para estudar. Hoje me pergunto se meus pais não pensavam nas consequências que traziam para minha vida.

Nos discursos de meu pai todos nós tínhamos obrigação de realizar as atividades que ele ordenava e que essas atividades não eram trabalho. Ele tinha a concepção de que trabalho é só aquele do qual se obtém um pagamento. Frigotto (2003) reflete sobre a definição de *trabalho* nos dias atuais:

O trabalho, sob o capitalismo, é transformado em força de trabalho despendido pelo trabalhador, mercadoria especial e única capaz de acrescentar ao valor produzir um valor excedente. [...] no sentido da produção capitalista é o trabalho assalariado [...] (FRIGOTTO, 2003,49-50).

Acredito ser importante refletir sobre a noção de trabalho na família camponesa, pois as atividades que eu realizava em casa tomavam todo o tempo do nascer ao por do sol, não havia tempo para fazer qualquer outra coisa a não ser dedicar-me a manter a casa bem cuidada, a alimentação da minha família e o cuidado dos meus irmãos, aos nove anos de idade. Para mim era importante aprender a ler e escrever, mas analisando essas lembranças, tenho a impressão de que isso era algo de menor importância para meus pais.

Para dar conta de todas as atividades domésticas que eu realizava contei com a ajuda de uma senhora chamada Cândida. Ela me orientava como cuidar das crianças quando estavam doentes, como fazer a comida, dar banho nos meus irmãos menores, já que minha não tinha tempo para me ajudar com essas tarefas da casa. Realizei essas tarefas por muitos anos de minha vida, toda a minha infância. Não lembro de momento de lazer fora da roça, pois aos fins de semana nos momentos em que ficávamos reunidos era para trabalhar na terra, os serviços eram dos mais variados tipos, estes iam desde descascar mandioca, torrar farinha, colher algodão, colher e debulhar milho. Também tínhamos tarefas diárias como cuidar de porcos e galinhas.

O único momento fora do trabalho constante era quando íamos a vila Sapucaia nas campanhas de vacinação. A viagem até essa vila era feita de cavalo, no qual

colocávamos as crianças em jacás<sup>1</sup> e este era nosso único transporte, não apenas para esta vila, mas dentro da própria terra.

Minha mãe não tinha o hábito de ler livros para nós. Os livros que tínhamos dentro de casa eram os livros que minha mãe usava para dar aulas. Somente a professora tinha esses livros, não havia disponibilidade deste para todos os alunos. No final de 1990 meu pai vendeu a terra onde vivíamos sem comunicar a minha mãe. Certo dia chegou a nossa casa um senhor informando que tínhamos 15 dias para desocupar a terra, pois ele a havia comprado. Apesar de todo o trabalho que eu tinha ali, fiquei muito triste com essa notícia. Nós, os três irmãos mais velhos, ficamos pensando o que seria de nossas vidas. Aquela terra era o único lar que tínhamos para viver e o nosso pai não pensou em nosso sofrimento. Ficamos destruídos em deixar tudo para traz até o cachorro que vivia conosco há muito tempo.

Depois disso, meu pai nos levou- eu, minha mãe e oito irmãos-, para morar em São Domingos do Araguaia-Pará, numa casa de aluguel. Gastou todo o dinheiro da venda da terra, deixando-nos desamparados, sem casa, sem nada. Minha mãe conseguiu transferência da escola da vila para trabalhar numa escola na cidade de São Domingos do Araguaia. Pouco tempo depois, meu pai nos abandonou e minha mãe passou a cuidar da família sozinha. O salário que ela ganhava não era suficiente para nos manter. Desesperada, ao se ver sozinha com os filhos e sem casa para morar, ela também nos abandonou numa casa onde morávamos de favor. Foi morar em outra parte da cidade. Vim sozinha e responsável pelos meus irmãos, passando fome e frio, sem ajuda de um adulto para socorrer nos momentos mais difíceis de nossas vidas. Nesse período sobrevivemos com a ajuda dos vizinhos que, comovidos, nos levavam alimentos, lençóis, roupas, calçados e cadernos para poder estudar. Mesmo sem poder estudar, esforcei-me para que meus irmãos pudessem frequentar a escola.

## 2.1 APRENDENDO A VOAR

Durante minha infância não tive oportunidade de estudar. Fiquei até os 12 anos sem saber ler e escrever. Cheguei a pensar que eu nunca frequentaria a escola, mas algumas vizinhas me incentivavam, davam muito conselho e não me deixavam desanimar. No mundo em que vivemos precisamos da ajuda de outras pessoas para nos levantar e enfrentar os obstáculos da vida. Fui aprendendo a valorizar quem me dava a mão para

---

<sup>1</sup> Sacola feita de cipó de uma planta chamada de Timbó.

superar as dificuldades que apareciam em meu caminho. Apesar de tudo aprendi a lutar e buscar meus objetivos para sobreviver neste mundo de muita diversidade e desigualdades social. Um objetivo muito claro para mim era estudar para aprender a ler e escrever.

Em 1991, aos 13 anos, comecei a estudar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, em São Domingos do Araguaia-Pará. Eu acordava às 5:00 horas da manhã para fazer o café da manhã dar banho nas crianças menores, e ainda cuidar no almoço, lavava roupa, louça, limpava a casa, tudo isso antes das 10:30. Deixava tudo pronto para que quando meu irmão chegasse da escola ficasse cuidando das crianças menores e, assim, eu pudesse ir à escola no turno intermediário, de 11:00h às 15:00h. Quando eu chegava da escola, recomeçava todos as tarefas de casa.

A primeira escola onde estudei era pequena. Só tinha uma sala de aula, uma cozinha uma sala onde funcionava a secretaria. Na cozinha tinha um pote que servia para colocar água para os alunos beberem, um fogão de duas bocas para fazer a merenda escolar; na secretaria havia um armário com documentos dos estudantes e livros didáticos. Na única sala de aula funcionavam três turmas, uma turma pela manhã (7:00 às 11:00h), uma no período do intermediário (11:00 às 15:00) e outra à tarde (15:00 às 19:00h). Nesta sala tinha um quadro negro, cadeiras com braços de apoio para colocar os cadernos para poder escrever. Não tinha saneamento básico e o banheiro era de uso público, já que não tinha muro. O abastecimento de água era a partir de um poço de onde a servente puxava água com uma corda e um balde e a ajuda de uma carretilha. Nós, os alunos, tínhamos uma boa relação com a servente que limpava e cozinhava para nós. A melhor parte da escola era a merenda, pois o cardápio era de boa qualidade e variados.

Quadro 1: Cardápio da escola municipal de ensino fundamental Rui Barbosa

Dia da semana	Refeição
Segunda-feira	Café com leite e biscoitos de agua e sal (já vinha preparado só para desmancha na agua quente)
Terça-feira	Arroz com jabá (a servente escaldava o jabá por que tinha muito sal e fazia misturados com arroz)
Quarta-feira	Sopa de letrinhas (essas letras eram feitas de verduras que vinham empacotas só para cozinhas)
Quinta-feira	Macarronada (feitas com almondega, era umas bolas de carne enlatada)
Sexta-feira	Vitamina de banana e bolacha. (Feito com água em temperatura ambiente, ou seja, não era levado à fervura)

Fonte: Entrevista com servente que atuava na escola nos anos 1990.

Eu adorava a merenda da terça-feira porque eu estudava no intermediário, de 11:00h às 15:00h. Às 13:00h era a hora do recreio. A servente era uma senhora já de 40

anos e nos abraçava nos dava carinho. Não tinha vigilante na escola durante o dia somente à noite.

A turma na qual eu estudava tinha 23 alunos com idades entre 7 e 8 anos. Eu era a mais velha da turma com 13 anos de idade. Por ser uma turma de criança de idade menor que a minha me senti envergonhada no meio dessas crianças, as quais já eram alfabetizadas e eu ainda não conhecia sequer uma letra do alfabeto. Apesar da minha idade tinha uma boa relação com as crianças. Eles me respeitavam, chamavam-me para brincar. Porém, por causa da minha timidez eu não aceitava os convites, me achava muito velha para estar no meio deles. Só me senti melhor no ambiente escolar quando mudei de escola e de turma e encontrei alunos com quase a mesma idade que eu.

A professora dessa turma que frequentei com as crianças pequenas tinha formação em nível de Magistério, que ela cursou através de um projeto de qualificação de professores da SEDUC-PA chamado *Projeto Gavião*. Ela usava o quadro negro e o giz para escrever os conteúdos e todos escreviam no caderno, exceto eu. Como os livros didáticos eram insuficientes para todas as crianças da turma, ao chegar na sala de aula a professora pedia para nos sentarmos nos nossos lugares em silêncio em dupla, para compartilharmos os livros que ela distribuía.

Não recordo qual o livro didático usado pela professora, mas lembro da leitura de um texto que me chamou muito a atenção, a história de “João e o pé de feijão”. Como não havia livro para todos os alunos, a professora escreveu a história no quadro negro e chamou aluno por aluno para ler no quadro em voz alta. Como eu não soubesse ler, permaneci sentada na última cadeira da sala. Ficava em silêncio só ouvindo os colegas realizarem a leitura.

Quando todos saíam da sala eu procurava a professora e falava que não sabia ler. Várias vezes eu fiz isso e dela ouvia: “você tem que acompanhar os outros alunos para aprender pelo alfabeto”. Eu era a aluna mais velha da sala e não sabia de nada das letras. Aquela professora não se preocupou em saber por que eu não sabia ler. Nessas horas me sentia como um dos trabalhadores mencionado por Freire (1979) em seu texto. Esse homem, ao relatar sobre o fato de não ser alfabetizado afirmou: “Não sofro por ser pobre, mas por não saber ler”.

E o fato de não saber ler era muito incômodo para mim, pois em algumas ocasiões, comerciantes chegaram a me enganar. Em outra ocasião, na escola, ouvi a professora falar para a servente que eu não sabia de nada, que não aprendia por falta de interesse. Contudo, muitas foram as vezes que pedi para que ela me ensinasse. Em todas

essas vezes a professora me dispensava falando que estava atrasada para ir para casa. O tempo passava e nada eu aprendia. Essa professora era indiferente às minhas obrigações de cuidar de cinco irmãos pequenos, de uma casa e ainda trabalhar como doméstica para ganhar pelo menos comida para alimentar meus irmãos.

Estudei nessa escola durante três meses. Porém, logo solicitei transferência para a EMEF. Jose Luiz Cláudio, localizada no centro da cidade, por ser mais perto da casa onde morávamos. Nessa escola, além dos turnos da manhã, intermediário e tarde, havia o período de aulas noturno que funcionava de 19:00h às 23:30h. Era uma escola grande, com 12 salas de aula, todas com ventilador, quadro negro mesas e cadeiras para as crianças. Havia três banheiros, dois para uso dos alunos e outro para os funcionários; tinha ainda uma secretaria, sala do diretor, sala de professores, depósito de livros (era um pequeno quarto, onde guardavam os livros didáticos novos e já usados), uma minibiblioteca para os alunos fazer suas pesquisas- nessa época não tinha laboratório de informáticas as pesquisas tinham que ser feitas em livros e revistas-, um bebedouro, uma pequena quadra no centro da escola e a cozinha.

Ao chegar nesta escola eu e meus irmãos fomos acolhidos. Eu continuei estudando no turno intermediário. Minha nova professora realmente se preocupava com a situação dos alunos que não eram alfabetizados. Ela era dedicada em seu trabalho e logo percebeu que estudar com as crianças não favorecia o meu desenvolvimento. Ela avaliou que estava numa turma inadequada, devido à minha idade- na época eu tinha 13 anos. A professora informou a coordenadora pedagógica a minha situação. Chamou-me para uma conversa em particular com elas duas. Perguntou-me a minha idade e por que eu estava estudando ainda a alfabetização. Eu respondi que era porque cuidava dos meus irmãos menores. As duas solicitaram minha transferência para uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do período noturno. Como eu ainda não tinha 15 anos a professora se responsabilizou por mim para que eu pudesse estudar com pessoas na minha faixa etária.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 a EJA é uma modalidade da educação básica e pode ser ofertada tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. O objetivo da EJA seria “não só alfabetizar os jovens e adultos, mas sim dar oportunidades de escolarização no ensino regular, proporcionando à eles uma educação que possa desenvolver seu sistema crítico e inseri-los no contexto social atual”. (COLAVITTO; ARRUDA, 2014, p.14)

Já no dia seguinte passei estudar à noite na 1ª etapa, que corresponde a 1ª e 2ª serie. A professora me colocou na primeira fila de cadeiras, bem próxima da sua mesa.

Depois de todos os alunos se apresentarem ela pediu que cada um escrevesse no quadro a palavra que conhecia. Lembro das palavras que os colegas escreveram: “caza”, “kasa”, “fror”, “problema” e “probrema”. Em seguida a professora explicou qual era a forma certa de escrever e ler. Colocou todos nós para soletrar palavra por palavra e observar a grafia correta. Nestes momentos me sentia apreensiva, por medo de errar, apesar de que a professora tinha todo o cuidado no momento de nos chamar a atenção para nosso erro. Nesta época eu via isto como erro, mas é claro não possuía conhecimento que tenho atualmente, hoje eu sei que:

Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferentes. A variação, assim aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas, e, como tais, são condicionadas por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua. (ANTUNES, 2007, p. 104 *apud* MIRANDA, 2018, p.30).

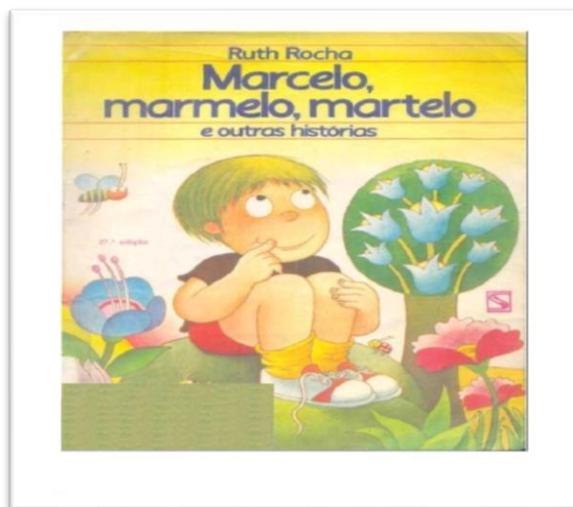
Quando chegou a minha vez de ler a professora descobriu que eu não era alfabetizada. Ela elaborou tarefas específicas para mim. Essas atividades começavam pelo alfabeto, depois palavras com sílabas simples até chegar a pequenos textos com dois ou três parágrafos. Todos os dias ela tomava a minha lição. Para me ajudar, aos domingos, às três horas da tarde ela me dava aula de reforços não só de língua portuguesa, mas também de matemática, pois eu não conhecia os números só sabia contar. Nesse período eu não participava de grupos (da igreja, de jovens, de mulheres e etc.), nem tinha contato com material escrito em outros espaços que não fossem a escola. Não me lembro de haver empréstimos de livros da biblioteca da escola.

Por eu não saber ler e escrever sofri muitas críticas, principalmente na hora de fazer compras. Aos 13 anos eu não conhecia o dinheiro e pedia ajuda aos comerciantes. Apesar de me ajudarem, muitos comentavam “filha de professora não saber e nem conhecer dinheiro sou obrigado a ler a lista dela toda vez. Uma moça deste tamanho e analfabeta”. A maioria dessas pessoas me julgavam assim porque conheciam minha mãe, sabiam da profissão dela- professora-, por isso esperavam que eu já fosse alfabetizada, porém minha realidade não era a que eles julgavam.

Minha professora-alfabetizadora, da turma de 1ª etapa da EJA, marcou muito a minha trajetória e foi muito importante por sua paciência em me alfabetizar e por sua

presença num momento difícil da minha vida. Lembro dos primeiros textos que consegui ler para toda a turma. Era um capítulo do livro *Marcelo, marmelo e martelo*, de Ruth Rocha. Este foi o primeiro livro que a professora me emprestou, houve outros livros, porém, não me lembro, seus nomes.

Foto 1: Capa do 1º livro que li



Fonte: Mateus Jorge Silva, 2019.

Todos os dias a professora encaminhava leituras para eu realizar em casa. Nas minhas horas vagas eu pegava os livros que ela havia me dado para praticar a leitura e a escrita. Essa última através de cópias dos textos lidos. Penso que os ditados de palavras e frases que ela fazia todos os dias em suas aulas, as atividades de produção textual ajudaram-me muito a desenvolver minhas habilidades de escrita. Uma das atividades que ela realizava era dar um tema ou desenho para, a partir deles, criarmos uma história. Depois pedia que cada um lesse seu texto para a turma. Em seguida ela realizava a correção ortográfica dos textos. Os fins de semana se tornaram longos, pois ansiava que chegasse a segunda-feira para ir para retornar à escola. Nesta minha caminhada fiz amizades que duram até hoje, tanto com professores, quanto com colegas de classe.

As visitas à minibiblioteca da escola eram feitas nos momentos que a professora solicitava pesquisa no dicionário, consultas aos atlas nas aulas de geografia e de histórias. Esses momentos eram supervisionados pela professora. Sem a supervisão do professor e fora do momento de aula não era permitido entramos na biblioteca.

Toda minha educação básica se realizou na EJA. Eram raros os professores com formação em Nível Superior, a maioria deles tinha a formação em nível de Magistério. Ao longo dos quatro anos na EJA tive grande aprendizados. Não somente do grupo de

estudos que participei com algumas colegas, mas também pelo apoio e companheirismo de meus colegas de turma e muitos professores.

A EJA foi muito importante no meu processo de escolarização. Como eu, muitos outros jovens e adultos ainda hoje procuram essa modalidade de ensino porque tiveram em seu percurso dificuldades de acesso e permanência na escola. Muitos passam o dia trabalhando, portanto, o único horário no qual podem dedicar-se ao estudo é à noite.

Apesar de reconhecer essa relevância da EJA para o acesso à escola, não posso deixar de admitir que a educação de jovens e adultos tem pelo menos duas funções: de formar para o mercado de trabalho e para exercer a cidadania (OLIVEIRA, 2004). A minha escolarização na EJA foi focada no domínio das letras e, timidamente, no preparo para o mercado de trabalho. A formação para a cidadania e os valores humanistas sequer eram mencionados. Tal realidade não contribuiu para que eu desenvolvesse o dito senso crítico ao longo dessa minha fase da vida escolar. Hoje avalio que tive uma educação escolar voltada apenas para produzir mão-de-obra “barata”.

## 2.2 O CAMINHO PARA O MAGISTÉRIO ESCOLAR

No ano de 1997 eu continuava com uma jornada desgastante de atividades, além de cuidar dos meus irmãos menores, eu também já tinha filhos pequenos. Mesmo assim continuei meu projeto de concluir os estudos e me matriculei na Escola Estadual e Ensino Médio prof.<sup>a</sup>. Elza Maria Correa Dantas, São Domingos do Araguaia-Pará, pois era a única escola da cidade onde funcionava o curso de Magistério e funcionava em turnos do dia e noite. A escola, na época, tinha uma excelente estrutura, contando inclusive com uma biblioteca.

Eu continuei a estudar no período noturno. Tinha dificuldades de compreender as disciplinas, pareciam complexas para mim, com muitas regras, cálculos e fórmulas. Ocupada com as atividades domésticas, trabalhando fora para prover financeiramente a família, eu não tinha tempo para me dedicar aos estudos. Contava com o apoio dos amigos com quem formei um grupo de estudos. Nos fins de semana nos reuníamos para estudar e fazer os trabalhos indicados pelos professores. Foi com o apoio desses colegas e de muitos professores que nos orientavam, mesmo fora do horário de aula, que consegui cursar o 2º ano de Magistério em 1998.

Ainda em 1998 consegui um contrato num restaurante que fornecia refeições para os funcionários de uma empresa que estava construindo o asfalto na BR-230. Eu trabalhava da 4:00h da manhã até às 17:30h e às 19:00h ia para a escola. Além de servir

as refeições, que eram preparadas de acordo com o cardápio da empresa, também era minha responsabilidade fazer as compras, prestar contas com a empresa.

Devido a responsabilidade pesava sobre mim nesse trabalho com a alimentação de quase 200 homens diariamente, parei de estudar. Trabalhava até a noite e não consegui retornar para a escola. Fiquei trabalhando na empresa durante dois anos e três meses, pois estava precisando do salário para manter minha família. Foram dois anos sem estudar.

A gestão da escola, professores e amigas me procuraram para que eu voltasse a estudar. Foi um momento difícil, apesar do meu desejo de continuar estudando, havia as necessidades imediatas de garantir um lar para meus filhos e tratamento de saúde devido a uma urgência surgida em família.

Depois disso, em 2001, trabalhei como faxineira, como atendente de lanchonete e de uma conveniência num posto de gasolina, com uma rotina de trabalho que iniciava às 5:00h da manhã e se encerrava às 22:00h. Encerrado o contrato no posto de gasolina procurei outro emprego que tivesse horários mais flexíveis de modo que eu pudesse voltar a estudar. Passei a vender salgados que eu mesma fazia. Não consegui retornar à escola nesse ano, ocorreram muitas mudanças em minha vida pessoal.

Consegui voltar a estudar em 2002. Meu objetivo era concluir o curso de Magistério, porém já não existia o ensino médio nessa modalidade na rede estadual de ensino. Matriculei-me no primeiro ano do Ensino Médio e recomecei meus estudos. As aulas eram totalmente diferentes das aulas do Magistério. Os professores de Língua Portuguesa e Literatura nos incentivavam a ler e fazer pesquisas na biblioteca, principalmente quando encaminhavam seminários e peças teatrais. Porém não podíamos emprestar os livros da biblioteca porque eram poucos.

O apoio de meu companheiro no cuidado com as crianças foi importante para eu conseguir voltar a estudar, pois as aulas terminavam às 23:40. Em 2003 mudei-me da cidade para a zona rural. Meu companheiro conseguiu um emprego numa fazenda próxima à Vila Apinajés, há 18 km de São Domingos do Araguaia. Grávida do quarto filho não pude continuar estudando, devido os riscos dessa gravidez e as dificuldades no deslocamento da fazenda até São Domingos do Araguaia.

Em 2005 eu e as crianças retornamos para a cidade para voltarmos a estudar. Logo iniciou o ano letivo de 2005, fiz minha matrícula, e iniciei o terceiro ano do ensino médio. Era uma turma muito jovem. Foi difícil para mim porque a maioria dos jovens não se preocupava tanto com os conteúdos, não tinham muito foco no estudo. Mesmo assim fiquei com a turma até 20 de setembro de 2005 quando fui contratada pela prefeitura de

São João do Araguaia para trabalhar no fórum de justiça com o cargo de serviços gerais. Aí eu trabalhava de 8:00 às 14:00h.

Em 2005 eu e as crianças retornamos para a cidade para voltarmos a estudar. Logo iniciou o ano letivo de 2005, fiz minha matrícula, e iniciei o terceiro ano do ensino médio. Era uma turma muito jovem. Foi difícil para mim porque a maioria dos jovens não se preocupava tanto com os conteúdos, não tinham muito foco. Mesmo assim fiquei com a turma até 20 de setembro de 2005 quando fui contratada pela prefeitura de São João do Araguaia para trabalhar no fórum de justiça com o cargo de serviços gerais. Aí eu trabalhava de 8:00 às 14:00h. Fui contratada para trabalhar na limpeza, mas acabava também fazendo serviço de recepcionista. Fiquei nesse trabalho até minha aprovação no concurso público da Prefeitura de São João do Araguaia- PA, onde ocupo o cargo de serviços gerais.

Nesse período eu já participava de grupos da igreja católica, como grupo de senhoras, de liturgia. Dentro destes grupos tive a oportunidade de ler outros materiais além dos livros escolares, como a leitura de jornais impressos.

Apesar de já ser alfabetizada, ainda não tinha compreensão de alguns textos que eu lia, segundo Perez (2019) existe outro tipo de analfabetismo, o funcional. São chamados de analfabetos funcionais os indivíduos que, embora saibam reconhecer letras e números, são incapazes de compreender textos simples, bem como realizar operações matemáticas mais elaboradas. No meu caso, a minha rotina e a pouca disponibilidade de materiais para leitura contribuíram para que eu chegasse ao Ensino Superior com muitas dificuldades de leitura, interpretação e produção escrita.

### 3 EM BUSCA DE VOOS MAIS ALTOS

No ano de 2007 fui aprovada no concurso público do município de São João do Araguaia de como servidora pública eu passei a trabalhar oito horas por dia. Pela manhã cuidava da casa e de cinco filhos, de 11:00h às 18:00h trabalhava na escola. Durante esses 12 anos de trabalho na mesma escola adquiri uma experiência na convivência com crianças, jovens e adultos. Atualmente trabalho à noite com jovens e adultos limpo e lavo e cozinho e nas horas vagas me sento com os alunos e fico os aconselhando assim esses jovens, para que continuem estudando para eles não deixarem os estudos. No convívio com o ambiente escolar tomei o gosto pela profissão de professora.

Em 2012 consegui concluir o curso de Magistério numa escola particular. Em 2014 tive minha primeira experiência em sala de aula, atuando numa turma de educação infantil e como monitora do *Projeto Mais Educação*. Nesse projeto eram realizadas aulas de reforço escolar para alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Os conteúdos trabalhados no *Projeto Mais Educação* eram definidos de acordo com as orientações que o professor titular do aluno nos repassava. O trabalho era focado nos temas que os alunos apresentavam dificuldades de aprendizagem. Em geral as aulas de reforço focavam em conteúdo das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, nas quais a maioria dos alunos apresentavam dificuldades.

Em 2017 fui contratada como monitora para atuar no projeto “A inclusão no atendimento educacional aos alunos com necessidades especiais”. Atuava como auxiliar de sala de aula de crianças com deficiência. Foi um projeto implantado pelos vereadores da cidade de São Domingos do Araguaia, cuja prioridade na contratação era para pessoas que estivessem cursando o Ensino Superior, principalmente, na área de educação. O trabalho consistia em atender as crianças com deficiência que necessitassem de apoio em sala de aula. Para isso recebemos formação da equipe da prefeitura. Em meu trabalho como monitora de uma jovem cadeirante e um rapaz com esclerose múltipla tive uma grande aprendizagem.

Durante esses três anos atuando na monitora de estudantes com deficiência tenho buscado conhecimento para trabalhar não só com os alunos deficiente, mas também com os demais alunos que precisam de apoio. A escola, infelizmente, não tem infraestrutura nem equipe adequada para atender as crianças com deficiência. Na escola onde trabalho à noite há estudantes surdos-mudos. Com as leituras que faço pelas-vídeos aulas de Libras do aplicativo *Handtalk*, que conheci na disciplina de Libras oferecida em minha formação na Licenciatura em Educação do Campo encontrei uma forma de me comunicar. Tenho

como projeto buscar uma formação em Libras, pois o município não tem professor formado na área.

Tomei conhecimento da Licenciatura em Educação do Campo (LPEC), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), através de um acadêmico desse curso que trabalhava na mesma escola que eu. Ele divulgou o processo seletivo do curso para os funcionários da escola. Eu o procurei e pedi ajuda para me inscrever. Após a inscrição passei a estudar para redação. Aguardei ansiosa pelo resultado do processo seletivo. Ao saber da notícia que iria entrar na universidade para começar a cursar licenciatura em educação do campo, me ajoelhei e agradei a Deus por me conceder o ingresso no ensino superior.

De uma família de oito irmãos sou a primeira a ingressar no ensino superior. Eu não tinha conhecimento da dimensão deste curso, apesar de ter ouvido algumas pessoas na comunidade rural onde vivo relatarem suas experiências como acadêmicos desse curso. Ao longo dos quatro anos de minha formação como acadêmica da LPEC esses cinco anos de curso aprendi a valorizar saberes e experiências que existiam no meio onde eu vivia. Fui descobrindo que o curso tem o objetivo de realizar a formação de professores com a reflexão a construção dos conhecimentos partindo das vivências dos sujeitos do campo: indígenas, quilombolas, ribeirinhos e filhos de agricultores.

Somente durante o curso compreendi a metodologia da alternância pedagógica, por meio da qual se estuda não apenas na universidade, mas também em outros espaços, como a nossa comunidade onde realizamos nossas pesquisas de tempo-comunidades. Realizar as pesquisas foi uma experiência muito importante para mim, pois, como afirma Cavalcante (2000) a pesquisa

[...] é um ato que engaja professores na dinâmica do processo educacional enquanto traz à consciência a tensão criativa entre a teoria social e educacional e a prática de sala de aula. [...] Embora muitas leituras sejam possíveis ela envolve uma forma de pensamento que se move no domínio 'pós-formal' da descoberta do problema – transcende o estágio formal de Piaget da solução do problema (KINCHELOE, 1991, 17 *apud* CAVALCANTE, 2000, p. 05).

Nossas pesquisas eram desenvolvidas nos quatro meses que não estávamos em atividades na universidade, no tempo-acadêmico. Nas pesquisas realizávamos revisão de bibliografia, pesquisa de campo, produção escritas, orais e/ou audiovisuais com os resultados dessas pesquisas, tais como: relatórios, fichamentos, cartilhas, documentários,

exposições fotográficas, etc. Em muitas localidades esses resultados das pesquisas são apresentados na escola ou outro espaço organizado pela comunidade pesquisada.

Os lugares básicos para fazer as pesquisas durante os períodos de estudos de cada tempo-comunidade<sup>2</sup> era realizado nas escolas do campo mais também nos espaços não escolar por exemplo; nas igrejas, associação de moradores, associação de movimentos sociais, nas aldeias, quilombos, ribeirinhos, sindicatos rurais associação das quebradeiras de coco babaçu.

O curso é composto por 62 disciplinas<sup>3</sup>, para mim foi uma novidade conhecer um curso com tantas disciplinas. Também participei de seminários que contribuíram bastante em nossa formação de educadores do campo, uma vez que esses seminários abordaram questões sociais com as quais convivemos e somos afetados direta ou indiretamente.

Na realização das Pesquisas Sócio educacionais tive bastante dificuldade na compreensão dos textos científicos, na produção escrita de resenhas e artigos. Na realização dos Estágios de Docência meu grande desafio, como em outras etapas de minha escolarização, foi conciliar trabalho e estudo. O uso das tecnologias é um desafio que me acompanha desde o ingresso na universidade até agora, pois sou bastante leiga em questões de informática. Como já relatei anteriormente o meu acesso a materiais escritos foi sempre muito limitado. Até eu ingressar na UNIFESSPA não tinha contato com computadores, internet, e-mail. Ao longo do curso, nas disciplinas ofertadas, no uso do laboratório de informática, no acesso aos computadores da biblioteca pude, ainda que pouco, ter mais contato com as tecnologias e aprender a participar das práticas de leitura e escrita mediadas pelo computador. Ainda tenho dificuldades com digitação e formatação dos textos segundo as normas da ABNT.

Por muitas vezes no decorrer do curso até pense em desistir. Pensava que conseguiria realizar todas as atividades demandadas no curso. Porém meu filho esposo não me deixavam desistir. Com o apoio do meu filho, que também é discente da LPEC, pouco a pouco, fui aprendendo a usar o computador com mais autonomia.

De início imaginei que esses seminários fossem como os seminários de que eu costumava participar nas formações de professor da escola onde trabalho. Porém estes tinham algumas características diferenciadas, dentre essas a mística, uma forma de

---

<sup>2</sup> Tempo fora da universidade, onde os estudantes do curso de educação do campo pesquisam as comunidades em que moram.

<sup>3</sup> Obrigatórias e asseguradas pelo PPC do curso.

expressão artística que usa as linguagens verbal e não-verbal, com intenso uso da arte para fazer refletir sobre questões relacionadas a vida dos povos do campo.

Na minha formação como educadora do campo, principalmente nos Estágios Docência, passei a refletir sobre a história das pessoas que vivem na comunidade onde trabalho. Passei a ter olhar diferente sobre a escola. Antes eu ignorava a história de luta das famílias camponesas para conquistar um lote de terra onde produzir alimentos e viver com suas famílias. Eu via a escola apenas como lugar de transmissão de saberes técnicos, de formação de empregados para o mercado de trabalho. Ao longo da minha formação aprendi que a escola é um lugar de disputa de projetos e que, por isso, deve ser um lugar de libertação (FREIRE, 1987) pelo acesso e à crítica ao conhecimento. Passou a fazer sentido para mim a ideia de escola como lugar de formação de cidadãos críticos.

Hoje olho para minha comunidade e para a escola do campo onde trabalho e já não vejo só uma vila. Eu vejo pessoas que têm uma história de luta pela terra; e a escola, como instrumento na formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres com a transformação da sociedade. A partir desta nova visão passei a ouvir mais as pessoas.

No curso também pude perceber como o professor é importante, para os processos sociais de um indivíduo, como ele contribui não apenas na aprendizagem, mas também na construção social deste principalmente quando este buscar ensinar seus alunos partindo do que já traz de casa, logo que Freire (1987) “leitura de mundo precede a leitura da palavra”, portanto antes de ser letrado nas práticas escolares, o aluno é letrado em sua cultura, e vivencia, essas que aprende em seu núcleo familiar. Na minha formação como educadora do campo na LPEC refletimos muito sobre os processos sociais pelo quais passam nossos alunos, para que se percebam sujeitos pesquisadores e passem a assumir uma postura questionadora, reflexiva sobre a realidade onde vivem.

#### **4. CONCLUSÃO**

Narrar minhas experiências de formação me permitiu lembrar que não estive sozinha no meu projeto de acesso à educação escolar. Desde minha infância, mesmo com todas as privações vividas, havia pessoas que estavam perto, tornaram-se companheiras em minha caminhada. Uma das etapas mais importantes do meu processo formativo foi o ingresso na LPEC. Aí pude compreender a luta dos movimentos sociais do campo por terra, trabalho e educação.

Concluída minha formação inicial pretendo trabalhar nas escolas do campo, partindo do princípio de que os sujeitos da educação têm uma história e essa história não pode ser apagada quando se adentra o espaço escolar. Assim como aprendi a olhar com desconfianças para os fatos com os quais me deparo diariamente, desejo ser uma professora que ensine os alunos a perguntarem. Que meus alunos possam refletir sobre os processos sociais nos quais estão inseridos, que sejam sujeitos críticos, a começar pela reflexão e a crítica sobre si mesmos. Meu foco de trabalho é principalmente as comunidades camponesas que por muitas vezes são esquecidas, nas quais a população, muitas vezes, deixa de lutar pelos seus direitos por falta de conhecimento.

#### **REFERÊNCIAS:**

CAVALCANTI, Marilda C. **A pesquisa na sala de aula: metodologia de investigação científica e a formação do professor.** Unicamp, 2000.

COLAVITTO, Nathalia Bedran; ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. Educação de Jovens e Adultos (EJA): A Importância da Alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, volume 5, nº 1, 2014, pp.

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades.** Belo Horizonte: Autentica, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 63ª ed. Rio de Janeiro, paz e terra 1987.

**Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. p.23

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipador? **Revista trabalho, educação e saúde**, vol.1, n., pp.45-60, 2003.

MIRANDA, Daiany Rodrigues de. **Ensino de língua portuguesa e heterogeneidade linguística: uma análise da atuação docente em uma escola do campo.** Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Educação do Campo, UNIFESSPA, Marabá, 2018.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Educação de jovens e adultos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** São Paulo: Ática, 2003.